



O realizador também entra como ator neste conto intimista sobre o desejo de viver que é o seu novo filme, *Minha Mãe*

# Nanni Moretti filma a vida na companhia da morte

**Festival.** O cineasta italiano está hoje em destaque (em Lisboa e no Estoril) com a apresentação de *Minha Mãe*, o seu mais recente filme

JOÃO LOPES

Nanni Moretti é um dos primeiros nomes grandes a marcar presença no Lisbon & Estoril Film Festival (LEFFEST), a decorrer a partir de hoje, até dia 15. O seu filme mais recente, *Minha Mãe*, surge como um dos títulos de abertura oficial do certame (a par de *Os Profissionais da Crise*, de David Gordon Green), com duas exhibições em Lisboa, no Monumental (19.30 e 00.00, a primeira com apresentação do realizador) e numa sala do Casino Estoril (23.30).

Dizer que Moretti é, aos 62 anos, uma das personalidades mais emblemáticas da produção italiana é apenas sublinhar uma evidência. No seu palmarés incluem-se um Leão de Prata do Festival de Veneza para *Sonhos de Ouro* (1981), um

Urso de Prata de Berlim para *A Missa Acabou* (1986) e uma Palma de Ouro de Cannes para *O Quarto do Filho* (2001), além de, ao longo dos anos, os seus filmes terem arrebatado vários prémios David di Donatello do cinema italiano, incluindo os de melhor atriz (Margherita Buy) e melhor atriz secundária (Giulia Lazzarini) em *Minha Mãe*.

Podemos definir *Minha Mãe* como um conto intimista sobre o desejo de viver e a perturbante companhia da morte. Em cena estão dois irmãos, Margherita (Margherita Buy) e Giovanni (Nanni Moretti), que aguardam o falecimento, que se pressente próximo, da mãe, Ada (Giulia Lazzarini). Há aqui uma dimensão discretamente autobiográfica, quanto mais não seja porque o próprio Moretti reconheceu (em entrevista à *Variety*, a 14 de maio, que pensou na sua ex-

periência de perda da mãe, ocorrida durante a fase de montagem do seu título anterior, *Habemus Papam - Temos Papa* (2011); aliás, Ada é professora, tal como era a mãe do cineasta.

## Elementos de humor

Seja como for, nem que seja por calculada ironia, Moretti baralha os dados "simbólicos" da sua narrativa. Assim, ele próprio interpreta um profissional de atividade mais ou menos tecnocrática, sendo a personagem da irmã aquela que, profissionalmente, está do lado do cinema: Margherita é uma realizadora envolvida na rodagem de um projeto "militante" (sobre um processo de despedimentos numa fábrica) à beira do colapso, em particular porque o ator americano convidado, o "famoso" Barry Huggins, se revela um caso inesperado de in-

competência. Interpretado por John Turturro, Huggins introduz no filme alguns paradoxais elementos de humor, fazendo lembrar alguns momentos de comédia da filmografia de Moretti (p. ex.: *A Missa Acabou* e *Palombella Rossa*, respetivamente de 1985 e 1989).

## Moretti ator, Moretti personagem

Sem nunca optar por um cinema "colado" à sua existência pessoal, o certo é que o autor de *Minha Mãe* (com estreia comercial agendada para dia 26) tem pontuado a sua obra com trabalhos que exploram uma assumida "confusão" entre o Moretti ator e o Moretti personagem. *Querido Diário* (1993) é, nesse aspeto, o momento mais confessional da sua filmografia, aliás prolongado por uma espécie de "parte 2", intitulada *Abril* (1998). Isto sem esquecer que a sua visão da vida política italiana, em particular na discussão da identidade do Partido Comunista, emerge de forma contundente, sempre à beira do sarcasmo, no documentário *La Cosa* (1990) e no já citado *Palombella Rossa*.

Moretti é um herdeiro muito direto do espírito individualista dos autores das "novas vagas" da década de 1960, ainda que com uma diferença que está longe de ser secundária: como produtor, através da sua empresa Sacher Film, ele é também um criador que controla os destinos da sua criação. Além do mais, possui uma faceta de exibidor, gerindo a sala Nuovo Sacher, um pequeno cinema de "arte e ensaio" no coração de Roma.

## OPINIÃO

### O cinema e os seus silêncios



JOÃO LOPES  
Crítico

Imagino que o leitor tenha a sua antologia pessoal de momentos de cinema que o marcaram de forma intensa e indelével. Não exatamente uma lista dos "melhores filmes de sempre", mas um conjunto de acontecimentos em que sentimos que o cinema consegue tocar na verdade mais indizível da dimensão humana.

Permita-me que evoque um desses momentos que associo ao poder de utilizar as imagens e os sons para além de todas as penosas ilusões televisivas segundo as quais as matérias audiovisuais seriam "reproduções", automáticas e imaculadas, do mundo à nossa volta. Está no filme *Querido Diário* (1993), de Nanni Moretti. A certa altura, vemos Moretti a rever alguns recortes de jornais com a notícia da morte de Pier Paolo Pasolini (ocorrida em 1975), ouvindo-o dizer que sentiu o impulso de ir visitar o local onde o cineasta foi assassinado, na zona costeira de Ostia. Na sua Vespa, Moretti surge numa longa deambulação pelos arredores de Roma, enquanto ouvimos na banda sonora o piano de Keith Jarrett, numa parte do Concerto de Colónia (1975). Quanto mais entramos naquele território (a câmara segue Moretti como uma espécie de guia revelador da paisagem), mais sentimos que o realismo dos lugares se vai transferindo para um saber enigmático, puramente interior. Por fim, Moretti mostra-nos o frágil e anódino "monumento" que assinala o local do crime e sentimos que, afinal, a morte é o fim de todos os símbolos. Por feliz paradoxo, há um simbolismo tocante no facto de Nanni Moretti nos visitar, agora, na abertura do LEFFEST. Ele é, afinal, um dos autores europeus que nunca desistiram de uma velha crença filosófica: o cinema mais pessoal é, ou pode ser, aquele que mais intensamente convoca as singularidades dos seus espectadores - mesmo perante o silêncio de todas as mortes.